

## A arte da narração nas invenções de si no contexto de uma pesquisa formação<sup>1</sup>

*The art of narration in self-inventions in the context of a research formation*

*El arte de la narración en las autoinvencciones en el contexto de una formación investigadora*

Joelson de Sousa Morais  
Universidade Estadual de Campinas  
joelsonmorais@hotmail.com  
<https://orcid.org/0000-0003-1893-1316>

Inês Ferreira de Souza Bragança  
Universidade Estadual de Campinas  
inesbraganca@uol.com.br  
<https://orcid.org/0000-0003-4782-1167>

### RESUMO

Tecemos uma reflexão teoricoepistemológica e bibliográfica no contexto de uma pesquisa formação narrativa (auto)biográfica em educação, para pensarmos os modos de produção do conhecimento científico e as possibilidades com que se configuram as narrativas escritas como um dispositivo de criação artística, estética e sensível na ciência. O objetivo é compreender como as narrativas (auto)biográficas, a partir das escritas de si, podem contribuir na tessitura da pesquisa formação entre pesquisadores/as e professores/as no cotidiano escolar. Refletimos no artigo, à luz de Benjamin (2012), Josso (2010), Ricoeur (2010), Bragança (2012), Delory-Momberger (2008), Rancière (2009) e outros. A pesquisa mostrou-nos que o processo de elaboração das narrativas (auto)biográficas revela-se como uma tessitura criativa e criadora em que o sujeito se desvela em diferentes facetas do encontro consigo e com o outro, gerando transformações e aprendizados efetivos.

**Palavras-chave:** Pesquisa formação. Narrativas (auto)biográficas. Criatividade. Escritas de si. Formação de professores/as.

### ABSTRACT

*We weave a bibliographic theoretic epistemological reflection of a (self)biographical narrative formation research in education, in order to think about the modes of production of scientific knowledge and the possibilities with which written narratives are configured as a*

<sup>1</sup> O presente artigo correlaciona-se com os estudos de uma pesquisa formação de Doutorado em Educação, desenvolvida na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) pelo primeiro autor deste texto e orientado pela segunda autora. Pesquisa financiada pela CAPES.

*device for artistic, aesthetic and sensitive creation in science. The objective is to understand how the (self) biographical narratives from the writings of themselves can contribute to the fabrication of research and training between researchers and teachers in school routine. We reflected in the article in the light of Benjamin (2012), Josso (2010), Ricoeur (2010), Bragança (2012), Delory-Momberger (2008), Rancière (2009), and others. The research showed us that the process of elaborating (self)biographical narratives reveals itself as a creative and creative fabric in which the subject unveils himself in different facets of the encounter with himself and with the other, generating transformations and effective learning.*

**Keywords:** *Investigating training. (Self)biographical narratives. Creativity. Written by you. Formation of teachers.*

## RESUMEN

*Tejemos una reflexión bibliográfica teórica y epistemológica de una investigación narrativa (auto)biográfica en educación, con el fin de reflexionar sobre los modos de producción del conocimiento científico y las posibilidades con las que se configuran las narrativas escritas como dispositivo de desarrollo artístico, creación estética y sensible en la ciencia. El objetivo es comprender cómo las narrativas (auto)biográficas de los escritos de sí mismo pueden contribuir a la fabricación de investigación y formación entre investigadores y docentes en la rutina escolar. Reflexionamos en el artículo a la luz de Benjamin (2012), Josso (2010), Ricoeur (2010), Bragança (2012), Delory-Momberger (2008), Rancière (2009), entre otros. La investigación nos mostró que el proceso de elaboración de narrativas (auto)biográficas se revela como un tejido creativo y creador en el que el sujeto se desvela en distintas facetas del encuentro consigo mismo y con el otro, generando transformaciones y aprendizajes efectivos.*

**Palabras clave:** *Formación investigadora. Narrativas (auto)biográficas. Creatividad. Escrito por ti. Formación de profesores.*

## Introdução

IncurSIONAMOS, neste texto, com uma reflexão *teoricoepistemológica*<sup>2</sup>, a partir de um estudo bibliográfico no contexto de uma *pesquisa formação* narrativa (auto)biográfica em educação, para pensarmos os modos de produção do conhecimento científico e as possibilidades com que se configuram as narrativas escritas como um dispositivo de criação artística, estética e sensível na ciência.

Propomo-nos a questionar neste texto: Como são tecidas as narrativas (auto)biográficas no contexto de uma *pesquisa formação* com professores/as no cotidiano escolar na perspectiva de uma tessitura da dimensão estética das escritas de si?

---

<sup>2</sup> Estética da escrita que aprendemos com os estudiosos nos/dos/com o cotidiano, por meio da contribuição de Alves (2003), com o sentido de juntar duas ou mais palavras, dando outros significados e rompendo com o modelo clássico de produção do conhecimento científico para além da perspectiva positivista de ciência. Primamos por essa forma de escrita neste texto, em que aparecerá tanto essa palavra como outras juntas e destacadas em itálico.

A proposta toma como objetivos: refletir acerca das potencialidades que as escritas de si podem revelar em dimensões estéticas na produção de sentidos da existência, experiência e *pesquisaformação*, bem como compreender como as narrativas (auto)biográficas, a partir das escritas de si, podem contribuir na tessitura da *pesquisaformação* entre pesquisadores/as e professores/as no cotidiano escolar.

Tematizamos a criatividade relacionada ao modo como construímos as escritas narrativas (auto)biográficas, no contexto de uma *pesquisaformação*, em que imprimimos, como pesquisadores, os nossos processos de criação na experiência narrada, em diálogo com professores/as no cotidiano escolar com os/as quais dialogamos e produzimos conhecimentos científicos.

Nesse sentido, consideramos que:

[...] é extremamente raro na nossa vida estarmos em posição de fazer, de viver, de dizer o que fazemos ou vivemos e de refletir, quer sobre o que fazemos ou vivemos, quer sobre o que dizemos a parceiros dispostos a partilhar conosco ao mesmo tempo uma mesma procura (JOSSO, 2010, p. 183)

No contexto de uma sociedade em profundas transformações em que nos situamos atualmente, a arte de narrar torna-se uma via indispensável de composição de outros modos de existência, reflexão, aprendizagem e, conseqüentemente, de produção de conhecimentos científicos. Benjamin (2012, p. 212) estava correto ao trazer as suas preocupações, no início do século XX, e, ainda hoje, o seu pensamento torna-se atual e nos coloca em uma zona reflexiva, ao afirmar que “a arte de narrar está em vias de extinção” e que são, cada vez mais raras, as pessoas que a praticam e compõem esse dispositivo como uma arte.

Tecer narrativas, sobretudo, em uma sociedade em ritmos temporais cada vez mais efervescentes e em uma aceleração dos fazeres e pensares, os quais nos deslocam de forma avassaladora, pode significar um modo outro de darmos sentido à nossa existência e a compor uma experiência criadora, criativa e, até, engenhosa; se levarmos em consideração a presença de um tempo para narrar, mas não um tempo cronológico sequencial e, sim, o tempo de agora, benjaminiano, marcado pela sensibilidade e pela arte narrativa que se compõe de formas diversas, inclusive, não cronometrado e assimétrico, como um fazer emergir, de acordo com as situações, as pulsões e os desejos do sujeito, o emergir de si com o que tem, o que sabe e que mobiliza na arte de narrar.

Neste texto, abordamos a narrativa (auto)biográfica, a partir de uma microestética, entendendo-a como uma tessitura singular e pautada no contexto de uma subjetividade que apresenta uma dimensão única, e, portanto, intransferível para outrem ou quaisquer que sejam as circunstâncias.

Assim, ao situarmos a narrativa, no campo da microestética, reforçamos a sua configuração como uma “[...] prática de arranjo e orquestração do coletivo de forças vivas que atravessam uma existência singular”, o que nos dá a entender que sua tessitura constitui-se no âmbito de um “[...] processo de produção de subjetividades” (PEREIRA, 2016, p. 81).

Fundamentamo-nos em autores, com centralidade das narrativas (auto)biográficas no contexto de uma *pesquisaformação*, evocando contribuições de Josso (2010), Ricoeur (2010), Delory-Momberger (2008), Bragança (2012) e outros, como modo de produzir uma reflexão sensível como uma arte de narrar em suas multiplicidades estéticas e no plano de uma criatividade, com a qual perspectivamos ser possível tecer. Na tematização da criatividade com foco na área da educação, amparamo-nos em autoras eminentes que possuem produções significativas nessa discussão no cenário brasileiro, com base em Moraes (2015), Alencar e Fleith (2009) e Mitjans Martínez (2008). E quanto à dimensão estética da narrativa, como um revelar de si que se compõe na arte de narrar e na produção de uma sensibilidade criativa, tecemos reflexões amparados em Walter Benjamin (2012) e Jacques Rancière (2009).

## **A emergência das pesquisas narrativas (auto)biográficas em uma sociedade em transformações**

Por muito tempo, as pesquisas científicas foram sendo produzidas, a partir de uma visão clássica e hegemônica, a qual ditava verdades absolutas e modos de conceber a racionalidade no bojo de um paradigma positivista e embebidas de uma vertente newtoniana-cartesiana.

O que conseguimos ver, diante desse modo de fazer ciência, foi o não atendimento às demandas e necessidades da produção do conhecimento, em face das transformações em que foram sendo impulsionadas ao longo de *espaçostempos* variados, pois surgiram novas tecnologias, outras formas de convivialidade e diferentes lógicas de saber, aprender, fazer, ser e produzir a experiência, além de comunicá-las, erigindo, assim, outras

possibilidades epistemológicas que se somaram à diversidade de saberes e conhecimentos do mundo da vida e de outras tantas dimensões no universo sociocultural.

Em consonância com as proposições de Bragança (2012), Nóvoa (1992), Passeggi e Souza (2017), compreendemos que, no bojo dessas transformações, podemos situar a efervescência de movimentos políticos, culturais e das comunidades científicas que foram se produzindo em diferentes sociedades, dando outras dimensões, durante a década de 1980, e que ampliaram-se, de forma mais concreta, nos anos de 1990, com a consequente ressignificação de processos de produção de saberes e conhecimentos. Mais precisamente, de modos outros de construir uma racionalidade sensível e palatável no contexto da formação de professores/as e das práticas pedagógicas, no cotidiano das escolas, configurando-se esta instituição educativa, como uma das esferas que não apenas reproduz, mas cria novas formas de saberes, experiências e conhecimentos na dinâmica social.

Diante do exposto, corroboramos com as reflexões produzidas por Santos (2010), que nos fizeram pensar que os muros da racionalidade estética e instrumental, passaram a ruir, dando lugar à emergência e à valorização das subjetividades ancoradas no pilar da emancipação política e social, a partir de uma “racionalidade estético-expressiva”, que compreendemos serem tecidas nas narrativas dos sujeitos em seus cotidianos, fazendo emergir suas histórias de vida, como uma nova via de transformações e construção do conhecimento científico no mundo.

Historicamente, podemos citar as contribuições de diferentes áreas do conhecimento que tomaram por base o campo das histórias de vida e narrativas (auto)biográficas, como um contexto profícuo e, potencialmente, significativo para se produzir saberes e conhecimentos, principalmente, no âmbito das ciências sociais e humanas, sobretudo, no território educacional.

Algumas dessas áreas do conhecimento, como a história, sociologia, antropologia, filosofia e educação, voltaram o seu olhar para as “histórias de vida pessoal” nas palavras de Goodson (2019, p. 121), no que diz respeito à valorização das pequenas histórias narrativas de vida dos sujeitos, tecidas em pequena escala, ou o que chama Pereira (2016, p. 80) de uma “microestética” que consiste na tessitura da subjetividade na produção de si pelo sujeito, que, acreditamos, dá-se no processo de elaboração das narrativas (auto)biográficas.

Em se tratando da educação, buscamos um direcionamento e um olhar que sejam permeados em meio às “[...] realidades micropolíticas e contextuais da vida escolar” (GOODSON, 2019, p. 144), trazendo as narrativas (auto)biográficas dos/as professores/as como fonte de pesquisa, mas também de estudo, formação e aprendizagens mobilizadoras de reflexividade que nos permitem construir conhecimentos científicos.

Reportamo-nos a um importante estudo que revelou a pluralidade de variadas áreas do conhecimento – como as mencionadas anteriormente – que foram se interessando cada vez mais pelas histórias de vida no âmbito das narrativas (auto)biográficas, como as produzidas no livro fruto da tese de doutorado em educação desenvolvida por Bragança (2012), tematizado *Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal*, em que, entre outras questões, a autora elucidou a pertinência metodológica das histórias de vida, como produtora de significações e construção do conhecimento científico, primando pela subjetividade e os processos de interações no cotidiano de professores/as, para além das lógicas formais e positivistas de produção do saber.

Acrescentamos a essa perspectiva a contribuição das narrativas (auto)biográficas escritas como produtoras de outros sentidos e lógicas que foram se descortinando, em meio às necessidades e emergências, em que o sujeito, passou a ser visto pelos pesquisadores e a comunidade científica, como produtor de saberes e conhecimentos.

Recorremos, ainda, à contundente crítica feita por Nóvoa (1992), ao declarar que o surgimento das histórias de vida e a abrangência da subjetividade docente nas narrativas (auto)biográficas nas pesquisas científicas, sobretudo, entre as décadas de 1980 e 1990 foram caracterizadas pela invisibilidade com que foram sendo dadas aos professores e professoras.

Pontua-se, portanto, uma crise de identidades, trazendo profundas consequências para as políticas de formação de professores/as, fruto do apagamento desse sujeito, como pessoa no cotidiano da escola e da sua profissão, uma vez que o indivíduo não se separa do profissional, e, portanto, emergiram outros modos de encarar e tecer a subjetividade, como uma tônica necessária e fundamental para a melhoria da própria qualidade do trabalho e da formação docentes, de forma significativa.

Os movimentos de ascensão das narrativas (auto)biográficas, como dispositivo metodológico de formação de professores/as no contexto da pesquisa científica, foram,

portanto, um modo de produzir outras possibilidades concretas e plausíveis de significação que não estavam sendo satisfatórias no campo das ciências humanas e sociais.

Salientamos, ainda, a ideia de que pensar as narrativas (auto)biográficas, como um dispositivo de formação de professores/as, trazem, também, a significativa centralidade que essas narrativas podem configurar para o/a próprio/a docente, caso se perceba nos caminhos e descaminhos que trilha ao longo da sua vida e formação. Assim, ainda no quesito da historicidade desse dispositivo, citamos que a sua emergência deu-se no bojo de um processo de valorização e reconhecimento das experiências profissionais e pessoais dos sujeitos, caracterizando-se por sua potencialidade formativa e de construção de saberes e conhecimentos. Ou, como melhor elucida a literatura, ressaltamos que:

[...] Esse reconhecimento biográfico traduz-se por um forte estímulo às pessoas em formação a fazerem um trabalho reflexivo sobre elas mesmas: realizando um balanço de seus percursos e de suas competências, inscrevendo sua formação num projeto pessoal e profissional (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 89).

À medida que os sujeitos narram-se em seus contextos, trazem consigo os seus universos simbólicos de subjetividade, mas também os diferentes atravessamentos que os deslocam cotidianamente, evidenciando as organizações social, cultural e política.

Notamos, ainda, que o processo de narrar-se provoca uma aventura de delinear os próprios percursos formativos que o sujeito tece, permitindo aos pesquisadores a possibilidade de compreender as razões e os porquês de se narrar o que se narra, e como pensa, vive e compreende o meio à sua volta, e a si mesmo, no que se refere aos professores e professoras, com os quais estão fazendo parte das pesquisas científicas, realizadas por nós, pesquisadores.

Por isso, Ferraroti (2010) percebeu a potencialidade das histórias de vida, ainda na década de 1970, por serem um meio privilegiado de produção de saberes e conhecimentos de que podiam emergir as narrativas (auto)biográficas dos sujeitos, para além das lógicas hegemônicas de produção da ciência, como era desenvolvida no campo sociológico e de que o autor voltou-se para essa perspectiva da subjetividade a fim de compreender as pessoas e o que pensam, mas também de entender a si próprio e à produção do conhecimento no contexto da sociedade. Nas palavras do autor,

[...] as pessoas querem compreender a sua vida cotidiana, as suas dificuldades e contradições, e as tensões e problemas que lhes impõe.

Desse modo, exigem uma ciência das mediações que traduza as estruturas sociais em comportamentos individuais ou microsociais (FERRAROTI, 2010, p. 35).

Com base nas reflexões explicitadas, pensamos em consonância com Passeggi e Souza (2017) que as bases científicas e os conhecimentos produzidos no contexto das histórias de vida e narrativas (auto)biográficas, desenvolvidas, desde a década de 1970 e 1980, no contexto da educação, e diversificando-se na década de 1990, trouxeram inúmeras contribuições para chegarmos ao cenário atual em diversas partes do mundo, com o aumento exponencial de pesquisas e investigações cujo cerne é esta abordagem de pesquisa em várias áreas do conhecimento, principalmente, no que se refere ao campo da educação, a partir dos anos 2000 e, em maiores proporções, até os dias atuais.

## **Tecendo uma epistemologia sensível na pesquisa formação narrativa (auto)biográfica**

Como uma corrente *teoricometodológica* e epistemológica que já vem se desenvolvendo, desde a década de 1980, com os pioneiros das “histórias de vida em formação”, no Canadá, com Gaston Pineau, e, em Genebra (Suíça), com Pierre Dominicé, Mattias Finger e Marie Christinne Josso, a *pesquisa formação* adota como princípios a articulação entre os processos de pesquisar e formar, simultaneamente, em partilha, favorecendo a tessitura de conhecimentos e (auto)formação pelos sujeitos que a produzem (BRAGANÇA, 2018; JOSSO, 2010; PASSEGGI, 2011; PASSEGGI e SOUZA, 2017).

A perspectiva da *pesquisa formação*, na qual estamos nos fundamentando, parte das reflexões de Josso (2010) que nos traz uma importante contribuição na produção do conhecimento científico, com primazia para as escritas narrativas (auto)biográficas, pontuado na obra *Experiências de vida e formação*, a qual nos acompanha em nossas produções científicas.

Ao tematizarmos, neste texto, a arte da narrativa nas invenções de si, no contexto de uma *pesquisa formação*, pensamos como se dá a construção de uma estética escrita no processo de formação de professores/as articulada aos processos de pesquisa que estamos tecendo cotidianamente com os/as docentes.

A ideia de coletividade não é só uma maneira palatável de pensarmos a potencialidade de uma criação com dimensões estéticas da narrativa (auto)biográfica no cotidiano da *pesquisa formação* na escola com os/as docentes, como tem sido um modo privilegiado que temos valorizado e empreendido, seja em nossas articulações e produção

de conhecimentos científicos, como no referente aos contextos da nossa prática pedagógica na docência do ensino superior, em que acompanhamos nossos alunos dos cursos de licenciaturas nas instituições educativas, fruto das disciplinas ministradas e de outras tantas atividades, nas quais articulam-se escola e universidade e vice-versa.

Nesse sentido, um conceito destaca-se e torna-se crucial a sua elucidação: trata-se da sensibilidade, já que produzir narrativas (auto)biográficas, emergindo nas escritas de si como pesquisadores em partilha com os/as professores/as que também produzem narrativas, mostram-nos as riquezas inestimáveis na construção do conhecimento e, conseqüentemente, na tessitura epistemológica de um saber que está sendo produzido, em meio às experiências destes sujeitos, em um aventurar-se pelas tramas do porvir, que vai paulatinamente, sendo descoberto coletivamente.

Logo, lembramo-nos de Rancière (2009) que, em *A partilha do sensível*, situa, entre outras discussões, a ideia de uma construção estética dos sujeitos que se dá em diferentes prismas, entre os quais, no plano da escrita, praticada no contexto de uma política da experiência em que se tece artisticamente nas maneiras de fazer, de ser e da visibilidade com que empreende desse entrelaçamento. Ou seja:

Denomino partilha do sensível o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um *comum* e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa, portanto, ao mesmo tempo, um *comum* partilhado e partes exclusivas. Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividade que determina propriamente a maneira como um *comum* se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha (RANCIÈRE, 2009, p. 15. Grifos do autor).

No que concerne às escritas narrativas (auto)biográficas, e com as quais estamos compondo de forma partilhada, como pesquisadores junto aos/as professores/as no cotidiano escolar, acreditamos estar partilhando sensivelmente as nossas experiências, quando passamos a narrar o que nos toca, nos afeta e produz ressignificações ao que pensamos, fazemos e poderemos mobilizar, que, muitas vezes, no processo da escrita, conseguimos enxergar e tomar consciência.

Nos processos em que temos nos debruçado no contexto de uma *pesquisaformação*, intencionamos nos contrapor a modos de produção de saberes e conhecimentos, pautados em uma racionalidade técnica, dando lugar a uma racionalidade sensível, na perspectiva de Bragança (2012) como uma forma de incursionar pela vida dos

sujeitos, trazendo toda a sua inteireza e complexidade dos seus mundos, levando em consideração o que pensam, sentem, fazem e mobilizam e o modo como o empreendem em seu cotidiano. Por isso,

[...] tomamos as histórias de vida, por meio das biografias educativas, como uma alternativa metodológica no processo de tematização da própria vida, como espaço-tempo de formação docente, fortalecendo o entrelaçamento entre os acontecimentos biográficos que se foram constituindo como experiências instituintes da formação e que vem das memórias polifônicas da vida, das experiências docentes e da formação acadêmica (BRAGANÇA, 2012, p. 28).

Com esta perspectiva de valorização da vida pessoal, como profissional, do âmbito da experiência e da formação em movimento, observamos que podemos ter acesso a um universo rico de significados no contexto da *pesquisaformação*, no qual pode existir uma entrega recíproca entre pesquisadores e sujeitos participantes das pesquisas que realizamos e, assim, fazer emergir leveza, criatividade e modos outros sensíveis e estéticos que na narrativa vão se materializando durante os percursos trilhados nesse processo.

Nas narrativas da *pesquisaformação*, buscamos, então, ao mesmo tempo, dar visibilidade aos sujeitos participantes da pesquisa, recuperando o protagonismo que há em cada professor/a, e fazendo emergir, entre o sensível e o inteligível, a produção de sentidos e significados em que cada um/a destes (pesquisadores e professores/as) encontram, identificam-se e dão legitimidade, permitindo suscitar reflexões e transformações potenciais que incursionam outras sensações, desejos e emoções, como também aprendizagens e (auto)formação.

Compreendemos, em diálogo com Josso (2010), que é, no território das narrativas (auto)biográficas, que os sujeitos se veem, por meio de outras lentes ainda não vistas, quando passam a registrar, por escrito, as suas experiências e que, quando materializadas e lidas, após o processo de registro em outro momento para além da ação de escrever, dispara um conjunto de sensibilidades, percepções e reflexões formadoras, capazes de surpreender, fazer se compreender e, sobretudo, provocar uma tomada de consciência que, anteriormente, não se tinha feito presente.

A potencialidade da *pesquisaformação* reflete-se na capacidade potencializadora de reflexão e (auto)formação que são suscitadas entre os processos de narrar a si e a realidade em que estão imersos os/as professores/as no cotidiano escolar, juntamente com os/as pesquisadores/as. De forma articulada em partilha, os percursos vão se

descortinando em horizontes de outras possibilidades de aprendizagem, formação e transformação, encadeadas pela tomada de consciência com que cada um/a constrói tanto de si próprio, quanto da relação estabelecida entre ambos e a significativa produção de conhecimentos e reflexividade neste processo entre o pesquisar e formar-se, entrelaçados.

Portanto, compreendemos que, na atividade de narrar a si e o que possa ser evocado das memórias da experiência do sujeito, “[...] toda a narrativa de um acontecimento ou de uma vida é, por sua vez, um ato, a totalização sintética de experiências vividas e de uma interação social” (FERRAROTI, 2010, p. 46), com a qual revela os contextos tanto socioculturais trilhados pelos sujeitos, como seus universos subjetivos nas diferentes práticas da narração.

## A estética da narrativa nas descobertas inventivas e criativas de si

A perspectiva da narrativa (auto)biográfica, neste artigo, configura-se como um gênero textual, em que se tece uma criação singular e subjetiva, e, portanto, apresenta características estilística e estética, cujas experiências narradas não se repetem, tantas quantas forem as vezes em que são praticadas por um narrador.

Assim, o modo como se constrói uma narrativa envolve um caráter de irrepetibilidade, não apresentando a possibilidade de transferência do narrado em um contexto para outros, pois, “[...] opomos a singularidade não repetível do acontecimento físico ou humano à universalidade da lei; [...] o acontecimento é o que só ocorre uma vez” (RICOEUR, 2010, p. 160).

Dessa forma, podemos narrar uma experiência por diversas vezes, mas nunca será igual, uma vez que, no ato da narração, nossa memória nos faz lembrar de determinados acontecimentos, que, no âmbito da linguagem, vão acessando outras memórias e, assim, influenciam no modo de expressão, que é conduzida, de acordo com o desfecho da história que está sendo contada, escrita, narrada.

Este ponto da singularização do sujeito, como um ser único, que Ricoeur (2010) reflete em *Tempo e Narrativa*, aproxima-se também das discussões de Bakhtin (2017, p. 96-97) ao declarar que “[...] cada pessoa ocupa um lugar singular e irrepetível, cada existir é único”. Nesse sentido, entendemos as práticas criativas em que se tecem as dimensões estética e sensível, produzidas pelos sujeitos como singulares e subjetivas, concebendo, a

partir da escrita narrativa (auto)biográfica, o que tece de si, do que vive, experiência à sua volta, e que traz as caracterizações de intransferência, irrepetibilidade e unicidade.

Há na escrita narrativa (auto)biográfica, produzida pelo/a pesquisador/a ou pelos/as professores/as, que estão atuando no cotidiano escolar, uma criatividade que revela-se, de acordo com a singularidade e os efeitos estéticos da produção desse narrar.

Logo, pensamos na ideia de uma criatividade que se compõe também como uma marca subjetiva, produzida pelo próprio sujeito, o que atesta a dimensão de singularidade de cada um. Aprofundando esse debate, ressaltamos que:

A criatividade é possível a partir de complexas relações sujeito-contexto, em que o primeiro tem um caráter ativo e intencional que lhe permite atuar a partir dos recursos subjetivos que possui, da representação que se faz da situação vivida e dos sentidos subjetivos que emergem na sua própria ação (MITJÁNS MARTINEZ, 2008, p. 82).

Nesse sentido, estamos pensando que as narrativas (auto)biográficas tecidas no plano da escrita tornam-se um dispositivo de criatividade desenvolvida pelo sujeito, mais precisamente por professores/as e pesquisadores/as nas atividades de produção de saberes e conhecimentos no contexto de uma *pesquisaformação* e, por isso, nos convém salientar que, em uma vertente dos estudos da psicologia, “[...] a capacidade de pensar de forma criativa e inovadora, aliada à apresentação de traços da personalidade que se associam à criatividade, ajudam o profissional a lidar com os desafios e a complexidade típicos de nossa época” (ALENCAR e FLEITH, 2009, p. 131-132)

Como estamos propondo uma reflexão que situa uma dimensão sensível da estética da narração no contexto de uma *pesquisaformação*, é indispensável o entendimento de que estamos tendo deste conceito, o qual buscamos na corrente francesa para pensarmos. Assim, há um sentido de estética que não ampara propriamente o conceito, que é concebido, como obra de arte, mas como sendo “[...] um recorte dos tempos e dos espaços, do visível e do invisível, da palavra e do ruído que define ao mesmo tempo o lugar e o que está em jogo na política como forma de experiência” (RANCIÈRE, 2009, p. 17).

Diante do exposto, sentimo-nos provocados pela seguinte reflexão indagadora: Como se tece uma estética do sensível, por meio das escritas narrativas (auto)biográficas no contexto de uma *pesquisaformação*?

Elucidamos, primeiramente, que a estética do sensível, a que estamos nos reportando no contexto de uma escrita narrativa (auto)biográfica, significa a capacidade de produzirmos a experiência como dimensão materializável no plano de uma narração em articulação com as possibilidades de sermos tocados e afetados pelo que sentimos, pensamos e fazemos, tanto durante a ação, quanto, a *posteriori*, em uma reflexão, durante a criação narrativa e no que esta possa produzir a partir dos outros sentidos da nossa existência, do que estamos escrevendo e dos múltiplos percursos que já trilhamos ao longo de nossos itinerários formativos.

Cada pessoa possui um estilo próprio de escrever narrativas de si e de narrar a sua história, quando passa a evocá-la oralmente, por exemplo, após a produção escrita. Do mesmo modo, nenhuma narrativa tem a mesma característica, em se tratando do seu conteúdo, forma e muito menos do desfecho da história. Afinal de contas, “[...] O que é re-significado pela narrativa é o que já foi pré-significado no nível do agir humano” (RICOEUR, 2010, p. 138), o que nos faz pensar que nenhum sujeito vive a mesma experiência, nem no sentido da reflexão e da sua materialização, nem no significado gerado desse movimento, quanto menos da transformação e afetação que esta pode efetuar.

Outro ponto a salientar é que o ato da narração diferencia-se de um momento para o outro, tendo em vista o estado de espírito em que se encontra o sujeito, os fatores que podem influenciar à sua volta e afetá-lo, e os diferentes modos como toma cada situação para si, a interpreta, reflete e se sente no processo de narração.

Em se tratando das narrativas que são produzidas no cotidiano de uma *pesquisaformação*, os/as professores/as narradores/as produzem as suas existências narrativamente, conforme o que lhes são favoráveis elucidar, evocando em suas narrativas acontecimentos que lhes pareceram significativos, ou que tenham sentido para si.

Por outro lado, Bragança (2012) provoca-nos a pensar que os/as pesquisadores/as, ao entrelaçarem-se com as histórias narrativas dos/as professores/as narradores/as, vão produzindo reflexões e buscando perceber, no narrado, a multiplicidade de detalhes e riquezas produzidas, atentando-se, entre outras questões, para a esteticidade que essa narrativa é capaz de revelar, trazendo, a dimensão da sensibilidade como um fator proeminente na produção de transformações e no que possa revelar de potencialidade acerca do que está pesquisando, mas, sobretudo, nas contribuições do que, desse caminhar, possa trazer em termos de formação,

(auto)formação e conscientização, que é uma das perspectivas fundamentais da *pesquisaformação*. Nesse sentido, defendemos que:

[...] a vivência de um processo criativo transforma o ser humano e o fortalece como sujeito capaz de alcançar novas metas e de superar as adversidades, de enfrentar os novos desafios e de levar, com sucesso, sua vida adiante, transformando-o em autor e ator de sua própria história, em sujeito participante e criador do mundo a sua volta, a partir de uma consciência renovada, integrada e mais fortalecida, que colabora para a construção de sua identidade pessoal/social e de novos modos de sentir, pensar e agir, de viver e conviver no mundo (MORAES, 2015, p. 183)

Por isso, na narrativa há um jogo artístico e estético que envolve o narrador em níveis de profundidade do encontro consigo próprio, e do modo como reflete e racionaliza os processos de criação da sua narração, considerando os saberes e conhecimentos que possui da cultura, da linguagem, do meio social e dos múltiplos ambientes em que transita ou já experienciou em diferentes *espaçostempos* da sua existência e que são evocadas, muitas vezes, por meio da sua memória, quando passa a narrar, registrando no plano da escrita narrativa (auto)biográfica (JOSSO, 2010).

A estética da criação narrativa vai, então, revelando-se como um desabrochar e fazer emergir um universo subjetivo que ganha vida na materialidade da escrita do sujeito, e que vai se tecendo nos movimentos de pensar a si, as experiências que teve, os contextos nos quais vive e habita e, muitas vezes, os projetos de vida e as articulações futuras, dependendo do que julgar necessário e da atribuição de importância a ser dada.

Há uma capacidade de inventividade e criação que, na narrativa (auto)biográfica, vai emergindo do sujeito que a produz, e é essa perspectiva que faz construir uma subjetividade, ou como nos provoca a pensar Deleuze (2012, p. 99) “[...] crer e inventar, eis, o que faz o sujeito como sujeito”.

É da atividade de narrar a si próprio que vai emergindo uma arte da narração que, muitas vezes, nem nós mesmos sabíamos que existia, mas, ao exercitar a escrita, nos permite saber o que somos ou estamos sendo, bem como o que fomos ou passamos a ser. Do mesmo modo, fazemos descobertas, em contextos de partilha, quando o outro passa a ver, ouvir ou a ler nossa narrativa, que nos diz sobre o estilo que temos ou como produzimos a nossa escrita, pois, nem sempre, conseguimos percebê-la e nem notar as suas características.

Corroboramos, então, com o que nos diz Benjamin (2012, p. 199), ao afirmar que “[...] saber escrever sobre o trabalho passa a fazer parte das habilitações necessárias para executá-lo”, pois é na escrita narrativa que se molda a produção do conhecimento científico, conosco, nos movimentos de produzir a *pesquisaformação*, na qual passamos a registrar por escrito o que pensamos em relação ao que projetamos, ao mesmo tempo, no que experienciamos e nos lançamos a outras tessituras (auto)biográficas que nos atravessam em diferentes momentos e perspectivas e com os quais temos nos compreendido na relação a qual produzimos com os atos e decisões da pesquisa que nos formam em partilha com professores/as no cotidiano escolar.

Nas escritas narrativas (auto)biográficas, portanto, inventaríamos mundos e contamos as nossas experiências de um modo peculiar, praticando uma criatividade que, muitas vezes, outros registros e dispositivos de si e das experiências não seriam possíveis de praticar. Isto nos remete à ideia de uma *autopoiésis*<sup>3</sup> como um conceito fundamental nesta abordagem. A esse respeito, ressaltamos que “[...] um dos princípios fundadores das escritas de si como prática de formação é a dimensão *autopoiética* da reflexão biográfica. Ao narrar sua própria história, a pessoa procura dar sentido às suas experiências e, nesse percurso, constrói outra representação de si: reinventa-se (PASSEGGI, 2011, p. 147. Grifo da autora)

É mister pensarmos, então, que a riqueza de uma *pesquisaformação* é tecida na potencialidade com que se possam configurar as experiências narrativas do jeito como são elaboradas pelos sujeitos participantes do processo formativo durante o caminhar da pesquisa. É nesse contexto que:

[...] a metodologia do trabalho sobre a narrativa de vida pode ser a oportunidade de uma transformação, segundo a natureza das tomadas de consciência que aí são feitas e o grau de abertura à experiência das pessoas envolvidas no processo” (JOSSO, 2010, p. 183).

---

<sup>3</sup> Esse conceito é fundamental na abordagem da *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica em educação e com a qual muitas produções científicas têm dado primazia e desenvolvido essa perspectiva. Segundo Passeggi (2011, p. 156) “*autopoesis* vem do grego (*autos*), ‘próprio’; (*poiesis*), criação, invenção, produção. Neologismo criado por Humberto Maturana e Francisco Varela, nos anos de 1970, para designar a capacidade dos seres vivos de produzirem a si próprios. O termo passou em seguida para as ciências sociais e humanas para se referir à capacidade humana de se autorregular, autoadequar, autoinventar”.

Quanto mais o sujeito vai narrando a sua experiência, tanto mais vai permitindo emergir fatos, situações e acontecimentos em sua narrativa, viabilizando a construção de uma reflexividade (auto)biográfica que lhe possibilita uma tomada de consciência dos percursos vividos e experienciados.

Então, não sabemos o que já se passou, tanto em nossas vidas ou o que já experienciamos em variados momentos e contextos de um modo concreto e palpável senão recorrermos à escrita narrativa de si, em uma atividade que recupera o passado, atualizando-se no presente e efetuando uma transformação, quando o sujeito passa a se ver, a partir de uma materialidade construída em suas narrativas de alguma história ou histórias que buscou reascender no plano da escrita.

Muitas vezes, descobrimo-nos pela narração, em que evocamos contextos e experiências, sobre as quais ainda não tínhamos parado para escrever e, quando emerge por entre nossos fazeres escritos, voltamo-nos para o registro e refletimos o quão significativo o acontecimento pode se apresentar por meio do narrado.

Na narrativa, fabrica-se a subjetividade do/a professor/a pesquisador/a que passa a inaugurar as suas experiências de um modo mais concreto, no caso do plano da experiência, porque, para ele/a, podem parecer que sejam situações naturalizadas e absolutamente normais: o que já viveu, praticou e desenvolveu como formação ou experiência, mas, depois que as registra narrativamente, apresenta outra conotação, pois outras questões, sensibilidades e reflexões passam a surgir em meio ao encontro consigo próprio, diante de sua escrita narrativa (auto)biográfica. Afinal de contas, “[...] tudo o que é percebido e tem caráter sensível é algo que nos atinge” (BENJAMIN, 2012, p. 207).

É mesmo um ato de criação o fazer emergir uma narrativa nas escritas que o sujeito materializa de si e dos seus itinerários formativos e da experiência, pois, “[...] o sujeito inventa, ele é artificioso. É esta a dupla potência da subjetividade: crer e inventar” (DELEUZE, 2012, p. 100).

No diálogo que temos desenvolvido com professores e professoras no cotidiano das escolas no contexto de uma *pesquisaformação*, esses/as docentes produzem narrativas na relação com as crianças (seus alunos) e no estabelecimento com outras interações com seus pares e outros sujeitos que habitam ou transitam na instituição, onde estão a trabalhar, enquanto que nós, como pesquisadores/as, também tecemos narrativas, fruto do diálogo que vamos produzindo com os/as professores/as e, assim, vamos

materializando a experiência e produzindo outras tantas (re)criações de saberes, conhecimentos e aprendizagens pela arte de narrar.

Desse movimento, entre pesquisadores/as e professores/as, o nosso olhar e a escuta atenta e sensível disparam outras sensações, sentimentos e emoções encarados como afetações que vão se produzindo em diversas linguagens e que reverberam nas narrativas que produzimos, muitas das quais, nas escritas (auto)biográficas, em que emerge um jogo plural de sentimentos, para além dos conhecimentos e das lógicas do mundo cognitivo, o que acaba se tornando uma educação das sensibilidades, pensando como Benjamin (2012, p. 239), no sentido de que “[...] na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos, aprendidos na experiência do trabalho, que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito”.

No que diz respeito à ideia de coletividade na *pesquisaformação*, com o outro somos mais, é o fruto dessa relação que gera afetações e sensibilidades provocadoras de desejos e vontades de narrar, pois a experiência salta de um plano abstrato – quando a construímos no plano do pensamento depois que a tivemos – ao plano da ação que se dá quando nos sentimos provocados e profundamente implicados a tal ponto que registramos, narrativamente, por escrito o que nos passou, nos afetou e aconteceu conosco.

Tal perspectiva reporta-nos a Bakhtin (2017), que nos faz refletir sobre o caráter da produção de sentidos e afetações, em se tratando das relações estabelecidas com o outro, possibilitando a tessitura de uma *alteridade*, em que passamos a nos ver não como isolados de um meio, cultura e da produção do conhecimento em nossos universos, mas, sim, na relação com esse outro que produz, em nós, diferentes possibilidades de nos transformar, pensar e produzir narrativas, justamente, nesse processo relacional que modifica o nosso olhar, e se implica na atividade experiencial de produzir a nossa existência, a criação das narrativas (auto)biográficas e os vários níveis de escrever, pensando com estes sujeitos, no caso dos/as professores/as no cotidiano das escolas, já que são eles/elas que nos permitem pensar o que pensamos, e escrever, narrativamente, o que estamos registrando, bem como aprender e nos mobilizar a outros tantos aspectos da atividade humana e da *pesquisaformação* em movimento.

Eis, portanto, o que se configura como um caráter diferencial desta perspectiva *teoricometodológica* e epistemológica da *pesquisaformação*: o aprender, o formar-se e o (auto)formar-se em comunhão, em partilha com o outro e que, juntos, podem produzir

mais significação à experiência, pois diferentes visões de mundo são articuladas/ e nos fazem perceber o que apenas um sujeito não conseguiria, diante da sua realidade, da sua prática cotidiana nos processos educativos e nas trajetórias formativas e de construção do conhecimento científico.

É nesse âmbito recíproco e intransferível de uma pessoa para a outra, que também residem as dimensões estética e artística da narrativa (auto)biográfica, pois cada experiência narrada, revela as sensibilidades, os universos simbólicos, representações e outras tantas perspectivas, que, ao ser lido, ouvido ou visto o narrado por outro ou pelo próprio narrador produz um conjunto de *sentimentos* e sensações que, muitas vezes, não há palavras para ser descrito, mas para sentir, e se praticar, como fruição, deleite e emoção.

## Considerações Finais

Dos professores e professoras no cotidiano escolar, é o contar histórias de si, da formação e da prática profissional, o que nos encanta, nos fascina e nos interessa, como formadores e pesquisadores narradores que também somos. É nesse contar narrativas, em que viajamos, refletimos, mas também pensamos a nós próprios e as nossas trajetórias pessoais, formativas e profissionais que a construção do conhecimento científico torna-se possível.

Ao escrever uma narrativa (auto)biográfica, o sujeito tece um estilo próprio e peculiar de produzir a narração concernente ao seu repertório linguístico, atribuindo a expressão da sua criatividade, de acordo com os saberes, conhecimentos e experiências que possui.

Em uma mesma narrativa (auto)biográfica é possível desenvolvermos várias linguagens estéticas e artísticas que vão compondo o enredo das nossas histórias de vida e experiências formativas que tecemos, podendo, fazer emergir a linguagem poética, musical ou outras dimensões, em consonância com as habilidades que cada sujeito desenvolve no contexto da sua subjetividade e dos conhecimentos construídos nesse movimento.

O processo de elaboração das narrativas (auto)biográficas revela-se como uma tessitura criativa e criadora, em que o sujeito desvela-se em diferentes facetas do encontro consigo e com o outro, gerando transformações e aprendizados efetivos.

Nas experiências do narrado, compõe-se um jogo artístico em que o narrador produz uma materialidade que emerge do seu potencial criador, trazendo a emoção, a

sensibilidade e as reflexões da vida e de tantos outros contextos pelos quais passou, se sente implicado e afetado para poder narrar o que mexe consigo próprio e que, muitas vezes, ganha vida na escrita narrativa (auto)biográfica.

## Referências

ALENCAR, Eunice Soriano de; FLEITH, Denise de Souza. **Criatividade: múltiplas perspectivas**. 3ªed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.

ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. **Revista brasileira de educação**. N.23, p.62-74, maio/jun/jul/ago., 2003. Disponível em:  
<<https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a04.pdf>>. Acesso em: 06/07/2020.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. Disponível em:  
<<https://doi.org/10.7476/9788575114698>>. Acesso em: 05/09/2020.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Pesquisaformação narrativa (auto)biográfica: trajetórias e tessituras teórico-metodológicas. In.: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; CUNHA, Jorge Luiz da; BÔAS, Lúcia Villas (Orgs). **Pesquisa narrativa (auto)biográfica: diálogos epistêmico-metodológicos**. Curitiba: CRV, 2018. p.65-81.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. 3ªed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 8.ed São Paulo: Brasiliense, 2012.

DELEUZE, Gilles. **Empirismo e subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Tradução de Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto, Luís Passeggi. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008.

FERRAROTI, Franco. Sobre a autonomia do método autobiográfico. In.: NÓVOA, António; FINGER, Matthias. **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010. p.33-57.

GOODSON, Ivor F. **Currículo, narrativa pessoal e futuro social**. tradutor: Henrique Carvalho Calado; revisão da tradução: Maria Inês Petrucci-Rosa e José Pereira de Queiroz. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução de José Cláudio, Júlia Ferreira; revisão Maria da Conceição Passeggi, Marie-Christine Josso. 2. ed. rev. e ampl. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

MORAES, Maria Cândida. **Transdisciplinaridade, criatividade e educação**: fundamentos ontológicos e epistemológicos. Colaboração de Juan Miguel Batalloso Navas. Campinas, SP: Papirus, 2015.

NÓVOA, Antônio (Org). **Vida de professores**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Educação**, Porto Alegre, v.34, n.2, p.147-156, maio/ago. 2011. Disponível em:  
<<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8697/6351>>.  
Acesso em: 04/09/2020.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de. O movimento (auto)biográfico no Brasil: esboço de suas configurações no campo educacional. **Investigación qualitativa**, vol.2, n.1 pp.6-26. 2017. Disponível em:  
<<https://ojs.revistainvestigacioncualitativa.com/index.php/ric/article/view/56/36>>.  
Acesso em: 29 ago. 2020.

PEREIRA, Marcos Villela. **Estética da professoralidade**: um estudo crítico sobre a formação do professor. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2016.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. 2ª ed. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org.; Editora 34, 2009.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tradução Claudia Berliner. Revisão da tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

**Revisora de línguas e ABNT**: Ana Paula Silva Botelho de Macedo.

**Submetido em 28/09/2020**

**Aprovado em 10/03/201**

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)